

mãe teia
ponte

Joanna Leoni¹
Debora Pazetto Ferreira²

Resumo: Duas colunas de textos avançam paralelamente, tecendo uma conversa indireta entre as memórias de uma travesti e uma sapatão. Entre seus encontros e diferenças, anseios e experiências, o desejo pela criação de uma linguagem em comum surge como ponte.

Palavras-chave: Escrita. Memória. Linguagem. Travesti. Sapatão.

¹ Doutoranda em Artes Visuais pela Universidade do Estado de Santa Catarina. E-mail: joleoni.artista@gmail.com.

² Docente do curso de Artes Visuais e do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade do Estado de Santa Catarina. E-mail: deborapazetto@gmail.com.

*meu primeiro ato de travestismo foi pela
escrita. a mãe que me pariu me ensinou as
letras, seus sons. sílabas e depois palavras
no papel. a mãe que me fez travesti me
ensinou a escrever para que o espaço da
morte não fosse comprado.*

marina me trouxe ao mundo com bruxaria.
me mostrou sua casa, as cicatrizes de seu
corpo. quais ossos haviam lhe quebrado na
rua. foi ela que me fez travesti
me ensinou, com suas tatuagens de tinta e
sangue, a me inscrever e escutar o mundo.
me ensinou com suas escritas na pele,
a mentir como profecia, ou como oração,
para desejar o mundo dos vivos mesmo
quando escrevo das nossas outras mães e
irmãs que partiram e, assim, ainda estar
muito perto de um poema

foi com meu próprio desenho, quero dizer,
foi com a vergonha que senti do meu
próprio desenho, quero dizer, foi com meus
olhos assustados verificando se eu estava
sozinha, quero dizer, foi amassando o papel
bem rápido, quero dizer, foi escondendo o
papel amassado no fundo da gaveta como
um cão enterra osso, quero dizer, foi
sabendo que eu iria desamassar e olhar
novamente para o desenho quando ninguém
estivesse por perto, quero dizer, foi com o
calor que senti segundos antes da vergonha
que entendi:
eu desejava algo
que não era possível

exerceu ali um trabalho de pastora
de guia
como quem ensina a caminhar
e tatear
desejos de desejar

o nome desse desejo eu só fiquei sabendo
muitos anos depois.

(será que alguém entre nós aprendeu
um desses nomes primeiro como
orgulho e só depois como agressão?)

com 17 anos eu não entendia a palavra
travesti
olhava para marina na rua e sabia apenas
que ela era uma e assim eu quis ser,
mesmo que ela nunca fosse uma só.
vi marina de shiva, de oyá, estudante, mãe,
fotógrafa, militante, vendedora de pirulitos
eróticos na rua, boleira, apaixonada por
psicanálise, filha, medium, anarquista,
agente de saúde, irmã, rata de academia
aprendi que ser travesti é estar nesses
lugares
entre o nosso mundo e o mundo real

era o começo dos anos 90 no bairro praia
comprida, região metropolitana da pequena
capital do estado mais conservador do país.
não tinha internet. tinha xuxa, paquitas,
eliana, mara maravilha, angélica, rapunzel,
cinderela, ariel, branca de neve e bela
adormecida.
minha mãe me ensinou a desenhar
princesas. cabelos ondulados, saia longa,
decote coração, chapéu pontudo com véu na
ponta, sapatinhos de salto, laço na cintura.
aos 7 anos de idade, eu era uma criança
solitária e brincava disso todos os dias.

aos poucos, comecei a desenhar as
princesas juntas, de mãos dadas, cercadas
de corações, dando um beijo. então me
ensinaram que não podia.
foi assim que aprendi
a desenhar
escondida

entre os dentes e os olhares, marina não
media as palavras para responder a qualquer
comentário na rua.
encarava olho a olho e dente a dente cada
alma que a tentasse.
sempre admirei isso nela.
ainda hoje me pego pensando:
“ai se marina me visse agora”

cresci entre entre comentários e piadas
horríveis sobre travesti, bicha e sapatão.
meu pai falava assim mesmo: sapatão.
bi ele chamava de gilette.
giletão se fosse um homem.
sapatão veio primeiro assim
por muito tempo.

essa palavra poderia ter me ajudado a
entender a paixão pela melhor amiga e meu
crush na sailor netuno, mas ela era uma
agressão
então fiquei sem
entender
por muito tempo

cada pedaço de fumaça que saia de marina
enquanto fumava,
primeiro cigarro, depois maconha, depois
palheiro,
vinha acompanhado de uma lição:
hormônios,
homens,
sexo.
aprendi a escrever assim
com cada dose de estradiol que era injetado
no meu corpo,
com as perucas e saltos escondidas debaixo
da cama,
vestindo uma regata que dizia
the future is female

como presságio.

como travesti eu ainda não pude exercer o
papel de mãe de uma travesti mirim.
exceto uma vez.
mas aí a gente se pegou e ela confessou
estar apaixonada e nos afastamos.
eu também não ouvi falar de outros

só depois que fugi de santa catarina para o
meio do brasil conheci uma sapatão que
usava esse nome com orgulho.
hoje elu é professore de tantra.
(sapatantira)
na época era dj e dançava contemporâneo.
dividimos casa por dois anos.
era impressionante o prazer que sah sentia
falando sapatão, lendo sapatão, ouvindo
sapatão, assistindo sapatão, sendo sapatão.

toda uma cultura.

nunca ouvi falar de mãe sapatão.
não usamos essa expressão. mas
temos este parentesco: a primeira
pessoa
sapatão
orgulhosamente automeada

parentescos além de mães e irmãs travestis
mas acho que sempre há essa referência que
as travas gostam de chamar de mãe.
a primeira referência,
a que ensina,
a que dá broncas.
avós, tias, pais eu nunca vi
como diz camila, *as travestis ocuparam um
papel que ninguém neste mundo - nem
mesmo o estado - poderia ocupar*
também não sei se seria uma boa mãe
travesti,
boa filha eu sei que não fui.
qualquer nova figura de autoridade aos
meus 17 anos não me apetecia.

tive mania de chamar muitas que admirava
de mãe,
meio que em segredo.
sempre pessoas mais velhas que eu
admirava.
penso que a figura da mãe se criou pra mim
em qualquer uma que me contasse sobre as
crueldades com que foram tratadas e o amor

que conhecemos.
é um impacto em nossa vida.

foi sah que me apresentou the l word, as
baladas lgbt e outres sapas. que me falou
sobre bifobia e transfobia no meio lésbico,
(com o vocabulário precário que a gente
tinha no começo do milênio). que me falou
da falta de atendimento médico e prevenção
de ist adequados para sapas. foi sah que me
ajudou a pisar (sapatear?)
sobre as expectativas estéticas de
feminilidade impostas ao meu corpo desde o
berço. que me falou sobre andar em bando
como método de segurança. que me
acalmou no meio da praça raul soares na
primeira vez que sofri uma ameaça de
espancamento por estar abraçada com uma
garota. foi sah que me apresentou e me
apresentou para outres sapas que me
apresentaram fotografias, pinturas,
romances, músicas, teorias, filosofias,
desenhos, poesias, performances feitas por
sapas, me extraindo assim da solidão e da

que compensaram resgatando outros corpos.
travestis,
cantoras,
escritoras,
professoras,
artistas.

hoje me livreí um pouco disso e prefiro
manter apenas com as duas,
a que me pariu
e a que me fez travesti.
elas tem algo da ordem espiritual que
sustenta esse saber.

minhas mães são muito do que escrevo.
são resgates da memória, dos anseios e dos
desejos.
de um passado que não está morto e não nos
matou.
de um presente onde insistimos em nos
manter vivas.

invisibilidade sexual que marcou minha
infância.

mas não sei se mãe é a palavra.

passei um tempo tentando entender o
formato desses parentescos, quero dizer,
tentando entender porque eles não são
lineares como as relações parentais, quero
dizer, tentando entender porque a base da
cultura sapatão é a criação de tramas ou
teias, quero dizer, de redes sexo-afetivas,
quero dizer, tentando entender como a renée
gladman tentava entender *porque haviam
tantas ex-namoradas por perto que
frequentemente estavam em
relacionamentos com outras ex-namoradas
suas também como outras duas ou três no
recinto, essas outras também sendo
ex-namoradas de outras amigas ali, não
amigas com quem você dormiria mas*

escrevo para que essas histórias, as nossas
histórias, não morram.
onde as mães, irmãs, tias, avós travestis
possam habitar,
por uma linguagem que nos faça justiça.

minhas palavras são minhas oferendas a elas
que me ensinaram a viver num mundo que
não nos deseja.

assim que escrevo, abraço a promessa de
que nós continuaremos aqui.

*aqueles afetos sem nome, sem estatuto, os
afetos inclassificáveis. mães de ninguém,
filhas de ninguém, amores de ninguém,
vizinhas de ninguém, tias de ninguém.*
as que quiseram ser filhas, as que chamamos
de mãe em segredo e as que foram, como
parentesco de irmandade.

*amigas entre as quais fluía uma estranha
tensão, residual de algo que tinha
acontecido quinze anos atrás, que ninguém
lembrava mas a que todo mundo prestava
vigília.*

qualquer sapatão sabe do que ela tá falando.
um dia, uma amiga escreveu a palavra no
feminino:
rebuceteia
para dar mais peso à política da teia do que
ao sexo.

retruquei com:
sapateia
porque qualquer feminismo e sapatonismo
sério já deve ter aprendido a pensar além
de bucetas
(e porque gosto de imaginar nossos pés
sapateando alegremente na cara
da cisheteronorma).
mas o importante é a teia.

a renée explica, falando dos anos 90
*onde nós construíamos pontes por sobre
pontes arruinadas.*
*onde não podíamos simplesmente queimar
nossas pontes.*
ainda não podemos, renée, queimar
nossas pontes

sem as nossas teias e parentescos não temos
como queimar os pactos que fizeram em
nossos nomes (os que nunca nos serviram)

sem nossas pontes não temos como saltar
por cima do medo que vem misturado ao
nosso desejo na nascente.

mãe-filha-vó-tia-teia-trama-ponte
nosso encontro
nossa sobrevivência está na

mãe-filha-vó-tia-teia-trama-ponte
sem nossas teias não temos
amor nem

linguagem

Referências³

Todos os trechos em *itálico* no texto da esquerda são citações diretas de:

VILLADA, Camila Sosa. **Tese Sobre Uma Domesticação**. São Paulo: Companhia das Letras, 2024.

VILLADA, Camila Sosa. **A Viagem Inútil**: trans/escrita. São Paulo: Fósforo, 2024.

Todos os trechos em *itálico* no texto da direita são citações diretas de:

GLADMAN, Renée. **Calamidades**. Trad. de Tatiana Nascimento. Rio de Janeiro: A Bolha, 2021.

madre tela
 puente

Resumen: Dos columnas de texto avanzan paralelamente, tejendo una conversación indirecta entre los recuerdos de una travesti y una lesbiana. Entre sus encuentros y diferencias, deseos y experiencias, la intención de crear un lenguaje común emerge como puente.

Palabras clave: Escritura. Lenguaje. Memoria. Lesbiana. Travesti.

Recebido: 22/11/2024

Aceito: 28/09/2025

³ Todos os trechos em *itálico* no texto da esquerda são citações diretas dos autores listados nas referências.